

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Marco Antonio da Conceição Filho

**FÉ EM DEUS E NAS CRIANÇAS DA FAVELA: A CONSTRUÇÃO DA
FRANCISCO DE PAULA BRITO NA ROCINHA.**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação

Departamento de História

RIO DE JANEIRO

Junho de 2018

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Marco Antonio da Conceição Filho

**FÉ EM DEUS E NAS CRINAÇAS DA FAVELA: A CONTRUÇÃO DA
FRANCISCO DE PAULA BRITO NA ROCINHA.**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado ao Departamento de História da PUC/Rio como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciatura em História.

Professora-orientadora:

Profa. Dra. Juçara da Silva Barbosa de Mello

RIO DE JANEIRO

Junho de 2018

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus por ter me ajudado a chegar aqui, além da PUC-Rio, por ter me dado uma excelente formação e a oportunidade de ter contato com profissionais de ponta e referências em minha área. À vice-Reitoria Comunitária e ao FESP por ter me concedido os recursos necessários para a permanência e a continuidade da minha formação acadêmica.

Gostaria também de agradecer a minha família que sempre estiveram ao meu lado, a minha mãe, Tereza Prado Aragão, a quem devo todos os meus agradecimentos, pois sem ela nada eu poderia ter feito; em especial, agradeço também ao meu primo: Francisco Marcos Prado, por ser um modelo de indivíduo e por me aconselhar em tantos momentos difíceis; também à Patrícia da Silva Araújo, que em meio aos seus gritos e berros sempre teve muito carinho e preocupação; à Francisca Alda do Prado e à Francisca Neném do Prado, que sempre me escutaram durante essa caminhada; e a Dione Prado, que sempre em meios as nossas conversas me mostrava como agir diante de algum empecilho na universidade.

Agradeço também aos funcionários e professores do Departamento de História da PUC-Rio, que sempre estiveram apostos para me atender e auxiliar com alguma dificuldade ou dúvida e nunca negaram o devido socorro. Em especial, gostaria de agradecer à Juçara Mello Barbosa, minha orientadora, que me ajudou nessa empreitada; à Luciana Borguetti, e suas aulas de Estágio em que aprendi mais sobre a necessidade da atenção às potencialidades dos alunos; e à Iamara Silva Viana, a quem devo muito por sempre me atender com um sorriso no rosto e me mostrar o valor dos pequenos atos. Além desses, aos professores do Teresiano Maria Beatriz Leão e Vitor Cabral, a quem agradeço pelo auxílio como modelos de formação e abertura de espaço para poder aprimorar meu desenvolvimento como profissional.

Gostaria de agradecer também aos professores do Departamento de Educação, que contribuíram na minha formação, em especial à Isabel Drummond Lélis, a quem tive o prazer de participar da pesquisa no grupo GEPPE; e à Zena Eisenbeg, que nas aulas de Construção do Conhecimento da Escola sempre nos permitiu expor ideias e mostrar sua aula na prática. Agradeço também à equipe do NOAP que sempre esteve ao meu lado ao longo desses caminhos, em especial à Rita, que sempre nos recebe com sua serenidade e atenção; à Elizabeth Sicupira, minha psicopedagoga, que sempre me aconselhava e auxiliava com muitas questões que surgiam; também agradeço as minhas monitoras às Duda's: Maria Eduarda Campos e a Maria Eduarda Cunha, a quem eu agradeço pela atenção e dedicação por auxiliar na melhora da minha atividade de escrita.

Aqui agradeço aos meus amigos de longe e de perto, àqueles que passaram por minha formação e deixaram boas lembranças. Agradeço aos meus amigos, que foram do Fome e Sede, pois com eles aprendi mais sobre a pessoa de Jesus; também ao meus amigos da Igreja Tabernáculo Apostólico da Fé, em especial ao ministério de louvor, não esquecerei jamais de nossos momentos juntos e de nossas boas risadas e dos momentos de ajuda. Gostaria de agradecer em especial ao José Mauro Gomes Junior, que sempre esteve comigo como ao Luiz Felipe Dessabato e também à Marcelly Dias, a quem devo longos papos e as longas discussões proveitosas sobre um infinidade de assuntos; ao Antonio Firmino, que tem me ajudado muito em questões sobre o pensar a favela, ao Diretor da Escola Francisco de Paula Brito Viana, que sempre esteve de portas abertas para me receber. Junto desses não posso esquecer de: Pedro Felipe Rodrigues e Sabrina Viana Rodrigues, pessoas que estiveram sempre disponíveis e me ouvir e comentar e sempre projetar um excelente quadro; ao Everardo de Sousa Hilário, que sempre podia contar com uma opinião sincera sobre algum assunto com relação a nossa função social e também ao Douglas Duque Lomar, parceiro inseparável para todas as horas. Além desses gostaria de relembrar Carolina Navarro, minha primeira regente (gerente) de estágio, a quem eu agradeço muito pela ajuda como formadora e não poderia esquecer de mencionar aqueles que primeiro me estimularam a seguir esta carreira: Otávio Derizans Bruno, Ana Cristina Falco e Maria Ignez Campos, suas aulas são inesquecíveis para mim.

Além desses tantos que já forma citados, agradeço aqui em destaque a todos os meus professores e agora companheiros, assim como aos alunos do Pré-Vestibular Comunitário da Rocinha, que sempre contribuíram para o meu acesso e formação profissional, na academia e como professor. Graças as suas aulas percebi que entrar para a faculdade era muito mais que uma passagem, era uma transformação.

Sumario:

SUMARIO:	6
ÍNDICE DE FOTOS	7
ÍNDICE DE IMAGENS	7
RESUMO:	8
INTRODUÇÃO	9
DAS VIDAS SECAS PARA A “ROCINHA” DO ALTO DO MORRO	10
1.2 AS TRANSFORMAÇÕES E CONTINUIDADES QUE NOS FORMARAM	12
1.3 OS ANOS DE MUDANÇAS.....	17
EDUCAR PARA QUEM E PARA QUÊ?	25
2.1 OS DOIS IRMÃOS: A CONSTRUÇÃO DE UM TÚNEL	26
2.2 EIS QUE SURGE A FRANCISCO DE PAULA BRITO	29
CONCLUSÃO:	36
REFERÊNCIAS	45

Índice de fotos

Foto 1: Casas na Rocinha em 1958. Disponível em: < https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=417104 > <Acessado em 3 de maio de 2018>.....	16
Foto 2: Arquivo Nacional, Fundo/Coleção: Correio da Manhã, Data Nov.1971 Fotografo: desconhecido.....	25
Foto 3: Arquivo Nacional, Fundo/Coleção: Correio da Manhã, Data 7/7/1970 Fotografo: Milton.....	27
Foto 4: Construção do Túnel dois irmãos (Lado Rocinha)< Disponível em: http://www.rocinha.org/arteeastral/view.asp?id=139 ><Acessado em: 15 de maio de 2018>	28
Foto 5: Placa de inauguração da Escola.....	31
Foto 6: Arquivo Nacional, Fundo/Coleção: Correio da Manhã, Data 7/10/1971 Fotografo: Jacinto.....	35

Índice de imagens

Imagem 1: Disponível em < http://memoriarocinha.com.br/linha-do-tempo/ > Acessado em: <03 de novembro de 2017>	11
Imagem 2: Decreto de desapropriação pelo prefeito Henrique Dodsworth. Disponível em :< http://faveladarocinha.com/toda-a-rocinha-becos-e-vielas-fazem-parte-do-museu-sankofa-memoria-e-historia-da-rocinha/ > <acessado em: 5 de maio de 2018>.....	13
Imagem 3: Nota oficial da Associação de Moradores da Rocinha (UPMMR) sobre a participação de membros da Associação que seriam comunistas.	19
Imagem 5: Notas de alunos	33
Imagem 4: Lista de alunos transferidos.....	33

Resumo:

Este trabalho procura analisar a construção da Escola Francisco de Paula Brito na Rocinha, durante a sua fundação no ano de 1971, em meio ao Governo Negrão de Lima, ou seja, no contexto de ditadura militar. Para fazer tal trabalho busquei o perfil dos professores da época, a situação social da Rocinha e através de fotos, relatos e literatura busco mostrar os motivos dessa construção e sua importância.

Palavras Chave: Escola Francisco de Paula Brito, Favela, Rocinha

Introdução

Meu objetivo neste trabalho é analisar o processo de construção da Escola Francisco de Paula Brito, construída no ano de 1971. Procuo demonstrar os motivos da fundação dessa unidade escolar no auge da ditadura, no interior do espaço da Rocinha. Para tal dedico o primeiro momento à elaboração do pano de fundo da história local da favela da Rocinha.

O primeiro capítulo é dedicado a construção de um panorama histórico da chegada dos primeiros moradores da Rocinha. Durante sua história a Rocinha apresenta um histórico de lutas que vai desde as suas primeiras ocupações em 1930 até finais da década de 1960. Tais ocupações serão consideradas ilegais pelo governo Vargas. No decorrer da década de 1960 a associação de moradores é desmontada e os moradores organizam-se e continuam o movimento para manter a administração da favela, sendo por exemplo responsável pela distribuição de luz, grande problema nesse período.

O segundo capítulo vai focar nos acontecimentos do ano de 1971, principalmente pondo em evidência a versão mais disseminada dos acontecimentos, cujo conteúdo negligencia o histórico da fundação da escola Francisco de Paula Brito. Essa é justamente a lacuna que este trabalho pretende preencher, visto que esse marco é fundamental para a história da Rocinha, pois além de ser no mesmo ano da finalização do Túnel Dois Irmãos esse é o ano que começou com muitas chuvas e com a queda de casas e a morte de pessoas graças a desabamentos.

Na parte final trago reflexões sobre essas ações e como elas afetaram a vida posterior dos moradores da Rocinha. Para além de uma discussão puramente teórica, este trabalho traz em si um esforço no sentido de valorizar a memória local, de construção de uma história que para muitos é esquecida ou nunca foi mencionada. Então, a sua importância está no fato de contar uma história ainda não contada, lançar luz sobre uma memória que ainda estava no subterrâneo.

Palavras Chave: Escola Francisco de Paula Brito, Favela e Rocinha

Das vidas secas para a “Rocinha” do alto do morro

A cidade está se transformando. (...) Quem se lembrará d’aqui a anos do que agora cessou de existir? Como se poderá comparar a cidade de 1900 com a de 1910, com a cidade de 2000? (...) é preciso ter gozado a satisfação de ver o largo do Rocio em 1850, o Largo do Paço em 1830, e outros pontos que sofreram radicais modificações para se poder avaliar a importância que terá no futuro um álbum onde esteja em nítida a fotografia ou fotogravura tudo o que desapareceu, tudo que se transformou. A comparação do passado com o presente constitui um soberbo divertimento, e muito instrutivo e proveitoso.

Photografia Municipal”, *O Commentario*, janeiro de 1904. *Apud ARAUJO*¹

A epígrafe usada diz muito sobre o que é viver em algumas partes do Rio de Janeiro, principalmente quando estamos falando sobre morar em favelas, pois os moradores vivem em um tempo sem saber o que houve antes. Quando olhamos para o centro do Rio e vemos as fotos, percebemos como houve mudanças significativas e que o passado foi apagado, mas e quando o passado é esquecido ou quando o passado é presente, todavia ignorado e taxado de algo que já não é? As reformas e mudanças nas favelas não são simplesmente por uma estética urbanista, mas por uma necessidade de melhor condição de vida.

A região onde hoje é a Rocinha, por muito tempo fora uma fazenda de plantio e criação de gado, nada disso vemos hoje graças ao avanço da vida urbana no Rio, encontramos apenas alguns resquícios nada significativos do que foi um dia. A fazenda que havia em São Conrado era a Quebra Cangalha, fazenda de criação de bois e café onde hoje é a região da Rocinha e parte de São Conrado. Seu dono é Manoel Cortinhas que costumava passear com seus bois pela região e subir ao alto do morro para cuidar das suas plantações. Graças ao tipo de terreno íngreme, quebravam-se facilmente as cangalhas², por isso o seu nome.

O terreno muda de mãos por volta dos anos 1910. O fazendeiro Manoel Cortinhas vende seus terrenos para o então engenheiro Luiz Catanhede por 50 mil contos. Cortinhas vende o seu terreno, pois queria voltar para Portugal, porém para

¹ (Araujo 2009)

² Armação, geralmente de madeira, para as bestas levarem carga de ambos os lados. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/cangalhas>>. Acesso em: 05 Mar. 2018

saldar dívidas com o banco dos irmãos Castro Guidão, Luiz dá parte das terras como forma de pagamento. Mesmo com um terreno tão grande, o banco não conseguiu vendê-lo durante um momento de urbanização da cidade. Uma das marcas desse período foi a criação da Avenida Niemeyer em 1916. Com a morte dos fundadores da companhia Castro Guidão, seus herdeiros assumem e loteiam as terras por volta dos anos 1920, com resultados indesejados.



Imagem 1: Disponível em <<http://memoriarocinha.com.br/linha-do-tempo/>> Acessado em: <03 de novembro de 2017>

A imagem acima mostra como foi feito o loteamento pela família Guidão, estão divididas nela as ruas: 1, 2, 3 e 4, todas cortadas pela estrada da Gávea. Esse loteamento permanece até hoje na cartografia da Rocinha, pois essas são as maiores

ruas da favela, mesmo sem uma grandeza física, a rua 3 constitui-se uma localidade de grande trânsito de pessoas.

O plano Agache foi importante nesse momento, pois, além de melhorar as condições da cidade proporcionando a ela uma nova arquitetura e um novo plano para habitações de trabalhadores, contribuiu para o crescimento de diversas favelas, uma delas foi a Rocinha que, devido a reforma da Avenida Niemayer e obras feitas na Estrada da Gávea, possibilitou a passagem de transporte. Esse trajeto ficou conhecido pelo funcionamento do Circuito da gávea a corrida das famosas baratinhas³. Nesse mesmo momento já havia moradores na região, as casas eram espaçadas e, mesmo com a possibilidade de transporte, não havia uma linha para os habitantes do local.

1.2 As transformações e continuidades que nos formaram

Os primeiros habitantes efetivos do que será mais tarde uma favela começam a chegar no decorrer da década de 1930, buscando melhores condições de vida. Fugindo da miséria no interior do Nordeste, esses primeiros moradores da região veem a solução na vida nos grandes centros urbanos. Muitos chegam no Rio sem perspectiva, possuem somente uma vontade, a de arrumar um trabalho seja ele qual for. Por esse motivo um dos mitos do nome Rocinha, seria o local de várias roças pequenas de migrantes que trabalhavam na terra e vendiam seus produtos na feira da Gávea, já que não conseguiam empregos regulares. Além desse mito há outra versão que fala a respeito de duas irmãs espanholas que habitavam a região e vendiam seus produtos a comerciantes da feira da Gávea que ali passavam. Por diferentes que sejam as histórias, há dois pontos que se repetem, o abastecimento da feira da Gávea e o fato de sempre se referirem a suas “rocinhas”, pois os alimentos ali produzidos eram de excelente qualidade⁴.

Além desses migrantes havia os que faziam parte do grupo dos trabalhadores semanais. Esse grupo era composto por moradores que trabalhavam pela Zona Sul

³ O circuito da Gávea foi um dos primeiros circuitos internacionais, atraindo grandes nomes do automobilismo da época. A importância desse circuito se dá por dois motivos: o primeiro: esse esporte estava no início e o segundo, a dificuldade do circuito que, era agravado pela tecnologia dos carros desse período. A história do circuito pode ser lida em:

<<http://www.rocinha.org/blog/?p=6>><acesso em: 10/05/2018>

⁴ (ROCINHA 1983)

em geral e passavam a semana em alguma casa alugada na Rocinha e no fim de semana retornavam para a Zona Norte. Isso se explica pela dificuldade para transitar na cidade era grande devido ao ineficiente serviço oferecido pelas empresas de transporte. O acesso à moradia era feito através de “conhecidos” que já estavam morando ali e que negociavam algum barraco construído. Desse modo, a Rocinha começará a ser povoada por trabalhadores que veem da região nordeste para o Rio de Janeiro, e por outros, que já estando na cidade buscavam uma forma de ter melhor acesso ao trabalho.

Como o desenvolvimento da favela já vinha sendo uma questão para os governos, algumas terras haviam sido desapropriadas devido a sua irregularidade, isso por volta do dos anos 40 do século passado, mas para driblar essas ações do governo havia algumas “táticas” como o de colocar crianças dentro de casas, pois assim era garantido que a pessoa permaneceria ali, devido ao fato de haver uma criança⁵.

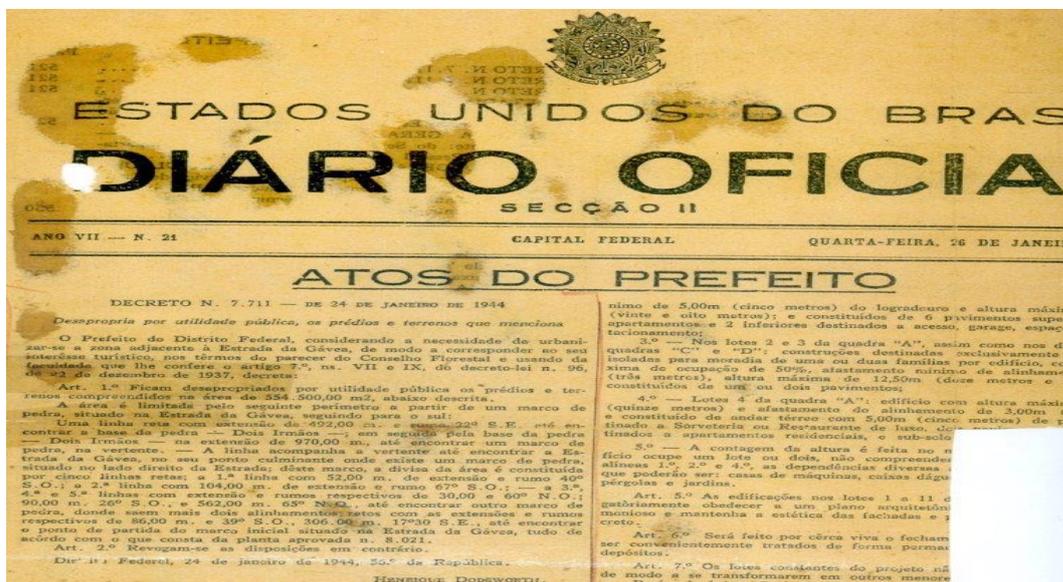


Imagem 2: Decreto de desapropriação pelo prefeito Henrique Dodsworth. Disponível em <<http://faveladarocinha.com/toda-a-rocinha-becos-e-vielas-fazem-parte-do-museu-sankofa-memoria-e-historia-da-rocinha/>> <acessado em: 5 de maio de 2018>

⁵ Em 1938, o governo Vargas emite um código de obras que além de reconhecer as favelas legalmente tinha por objetivo limitar o seu crescimento, além de não permitir melhoras nas casas. A solução dada eram casa do tipo mínimo- habitações com pouco cômodos- que faziam parte da proposta para habitações da classe trabalhadora. (Julia Ventura, Francicleo Castro Ramos, Marcelo Baumann Burgos 2014) (Valla 1985)

Devido a esse tipo de ação era necessária uma reação que retirasse essas pessoas dessas condições. Visto o interesse do Estado em remover essas pessoas como ilustra a imagem acima. Nesse sentido que vão ser criados grupos diversos para essa luta de saída do estado de favelado.

Ainda na mesma década a Fundação Leão XIII⁶, importante instituição ligada à Igreja Católica de apoio moral e material das favelas, inicia o trabalho assistencialista na Rocinha através da Ação Social Padre Anchieta (ASPA). Além de propiciar acesso à cultura e da criação de uma creche havendo também no seu bojo a questão religiosa, já que a fundação fora criada após o primeiro estudo sobre favelas na década de 1940⁷, e eram ligados a uma vertente mais conservadora do catolicismo tendo por grande figura Dom Helder Câmara.

Além dos dois grupos já mencionados, há o grupo dos moradores de outras favelas que chegam na Rocinha por muitos motivos, remoção das favelas – principalmente na década de 60- distância do emprego e compra de terreno⁸. Alguns desses moradores encontram no novo local de moradia um abrigo, pois alguns desses elementos anteriormente citados os atingiu. Esse fato ocorre principalmente durante as décadas de 50 e 60.

Durante o governo JK, é assinada a lei das favelas, LEI Nº 2.875, DE 19 DE SETEMBRO DE 1956, onde não poderia ser expulso nenhum morador de favela, portanto, havia nesse momento uma medida de proteção por parte do executivo o Art. 5º declarava que “Durante o prazo de 2 (dois) anos, a contar da data da publicação desta lei, não será executado nenhum despejo contra moradores de favelas situadas no Distrito Federal” (BRASIL,1956), portanto o governo de Juscelino tinha se voltado de uma forma mais compreensível para a favela, até mesmo pelo fato de nessa mesma lei ter financiado a obra da cruzada São Sebastião e de urbanização em favelas.

⁶ Criada em 1947 pela Igreja Católica, a Fundação Leão XIII tinha o dever de auxiliar nas questões sobre a favela e seu desenvolvimento, mas na literatura especializada há diversas críticas quanto a sua atuação, pois ela inicialmente se apresentou como uma “solução” que acabou por perpetuar algumas questões. Por exemplo, ao longo do tempo as ações prometidas pela instituição acabam ou são modificadas e não proporcionam autonomia do morador.

⁷ No ano de 1941 é que foi solicitado durante o 1º Congresso Brasileiro de Urbanismo um estudo para saber os aspectos gerais e particulares das favelas. (Valladares 2007)

⁸ Op.cit.

No ano de 1949 é feito um recenseamento geral que irá dar frutos somente na década seguinte, além de mais um estudo superficial pelo Estado. É, portanto, no ano de 1960 que a Sociedade de Análises Gráficas e Mecanográficas Aplicadas aos Complexos Sociais (SAGMACS), publica no Jornal Estado S. Paulo um estudo sob o título: Aspectos humanos da favela carioca, ele contou com três anos de coleta de dados, foi o mais completo e profundo estudo da época e até hoje referência sobre favelas, já que foi capaz de mostrar a realidade do morador na década de 1960.⁹

O estudo: Aspectos humanos da favela carioca aponta que o grande número de habitantes das favelas vem de Estados do Sudeste e do interior do Estado do Rio. A Rocinha já começa a aparecer nesse momento como uma das grandes favelas cariocas, ainda não chegando a sua magnitude, sendo ainda superada pelo Complexo do Alemão, Jacarezinho e outras favelas. O fato de estar presente já diz muito a respeito do povoamento da área, que sofre um *boom* na década de 60. Vemos então a necessidade de uma expansão também nos serviços oferecidos à população.¹⁰

A rocinha nessa época não era composta de casa de madeira e coberta com uma telha que era feita de papelão pichado. Eles faziam as casas e cobriam com aquele material(...) Houve raros incêndios ai, mas houve alguns de queimar cento e tantos barracos. Era rápido. Aquilo era que nem gás. (ROCINHA, 1983)

As casas, até certo momento, eram feitas de madeira que eram retiradas das obras que os moradores trabalhavam. Nenhuma madeira era roubada, eram todas cedidas, pois eram “restos”. Constantemente essas casas sofriam manutenção, pois as chuvas deterioravam muito a madeira que acabava apodrecendo, além de ter a ameaça de incêndio, que não eram recorrentes, mas quando aconteciam eram devastadores.

Da mesma forma aconteceu quando as casas passaram a ser de alvenaria, pouco comum atualmente, os padrões doavam o material, podiam ser de obras que

⁹ Existe um grande número de publicações referente a SACMACS devido a sua importância, para a minha pesquisa o mais significativo foi o Favelas Cariocas: Ontem e Hoje. Esse livro faz um estudo aprofundado sobre a situação da favela tendo um terço do livro só para o referido estudo.

¹⁰ (Valladares 2007), (Silva 2012).

os moradores trabalhavam ou os mesmo a compra de material, além da prática do empréstimo por parte da chefia.¹¹ Há muitos relatos de trabalhadores que gostavam de seus chefes e que esse gesto era uma espécie de gratificação pelo serviço prestado e um ato de boa ação, já que sabia a situação de seu funcionário. Vale enfatizar que somente os mais abastados conseguiam fazer esse tipo de obra, pois a grande maioria ainda tinha casas sem luz e de madeira¹².

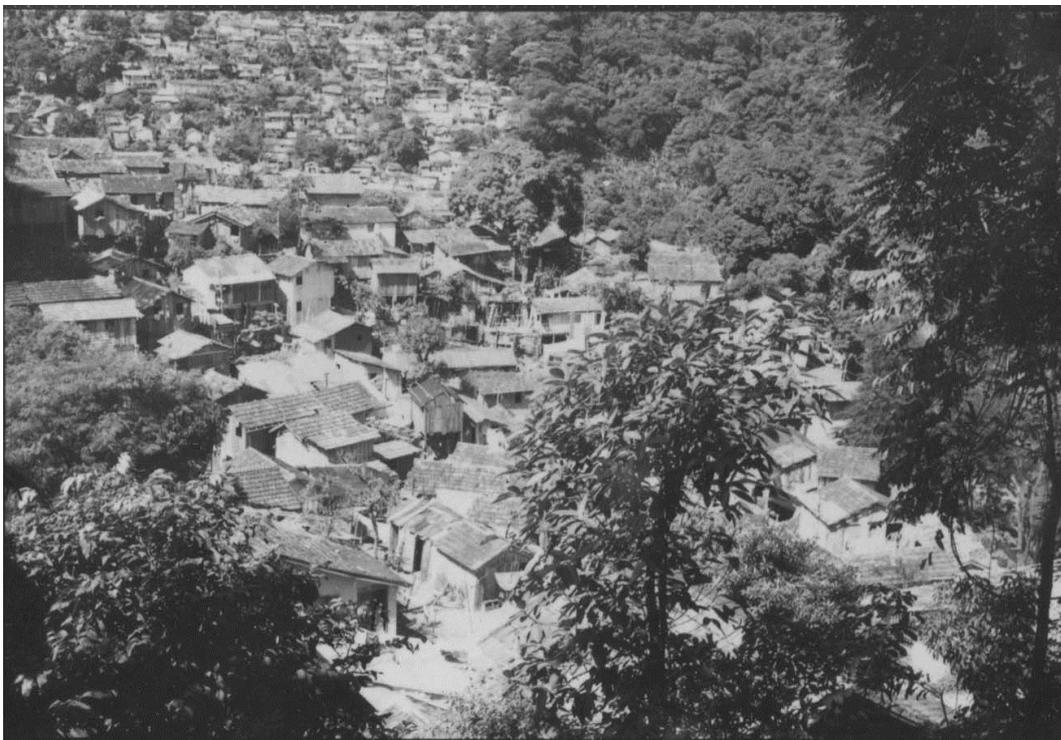


Foto 1: Casas na Rocinha em 1958. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=417104>> <Acessado em 3 de maio de 2018>

A imagem acima apresenta o tipo de moradia que já era presente na Rocinha nesse momento, onde algumas moradias eram feitas de um material misturado com barro e outras feitas de madeiras e todas possuem telhas. Algumas construções desse modelo permanecem até os dias de hoje, onde correm risco de serem

¹¹ (ROCINHA 1983)

¹² Abastado, aqui, significa morar próximo a Estada da Gávea e possuir boas condições de vida.

derrubadas. Além disso, podemos ver como a demografia havia avançado nesse período.

Algo que é presente na construção dos dois tipos de moradia é o serviço comunitário, o mutirão. Os vizinhos se ajudavam na construção de suas casas. Essa é uma característica presente até hoje não só na Rocinha, mas como em muitas favelas. A solidariedade com o próximo, pois na favela os problemas nunca são totalmente particulares ou totalmente públicos, sempre há quem é afetado por um cano que quebra, um fio que foi cortado ou até mesmo pela briga de algum casal. É essa característica que parece tornar a convivência na favela tão diferente de outras localidades. Além de que, são esses casos que fazem a economia da favela girar e manter-se ativa, pois são demandados diversos serviços para resolver seus problemas.

Em 1961, é fundada a Associação Pró Melhoramento dos Moradores da Rocinha (UPMMR), assim sendo responsável pela representação política dos moradores. Essa é uma ação que não é isolada, mas que segue o movimento de outras favelas que acabam criando uma junta de representação das diversas associações. Essas ações foram tomadas porque, os moradores não sentiam-se representados pela Fundação Leão XIII por exemplo, como diz Marize Bastos da Cunha “A formação desta associação do Morro do Borel é um exemplo da organização dos moradores fora do domínio da Fundação Leão XIII...” É portanto no final dos anos 50 que as favelas começam a se organizarem quanto corpo político e que é desmantelado com o golpe de 1964, que fecha esse tipo de representatividade e acusa de comunista todos os que lutarem pela volta das associações.

1.3 Os anos de mudanças

Na década de 1960 ocorreram fatos que marcaram e marcam a história e o cotidiano da Rocinha. Serão anos que vão ser conturbados politicamente, principalmente devido às ações do governo militar que assume o governo brasileiro a partir de 1964, que vai ter propostas voltadas para atender o interesse de uma

classe. Somado a essas atividades há as remoções que foram protagonizadas pelo governo Lacerda e por alguns infortúnios o do Negrão de Lima¹³.

O primeiro já foi mencionado, a fundação da Associação de Moradores. Suas atividades iniciam em 1961 e se encerram por pressão do governo militar, devido à suspeita de ação comunista, isso devido as experiências com outras favelas que haviam uma tradição política forte e influenciada por tal ideologia. Porém, o movimento político dentro da Rocinha estava fortalecendo-se, pois havia movimentos pela luz.

¹³ (Gonçalves e Amoroso, GOLPE MILITAR E REMOÇÕES DAS FAVELAS CARIOCAS 2014)

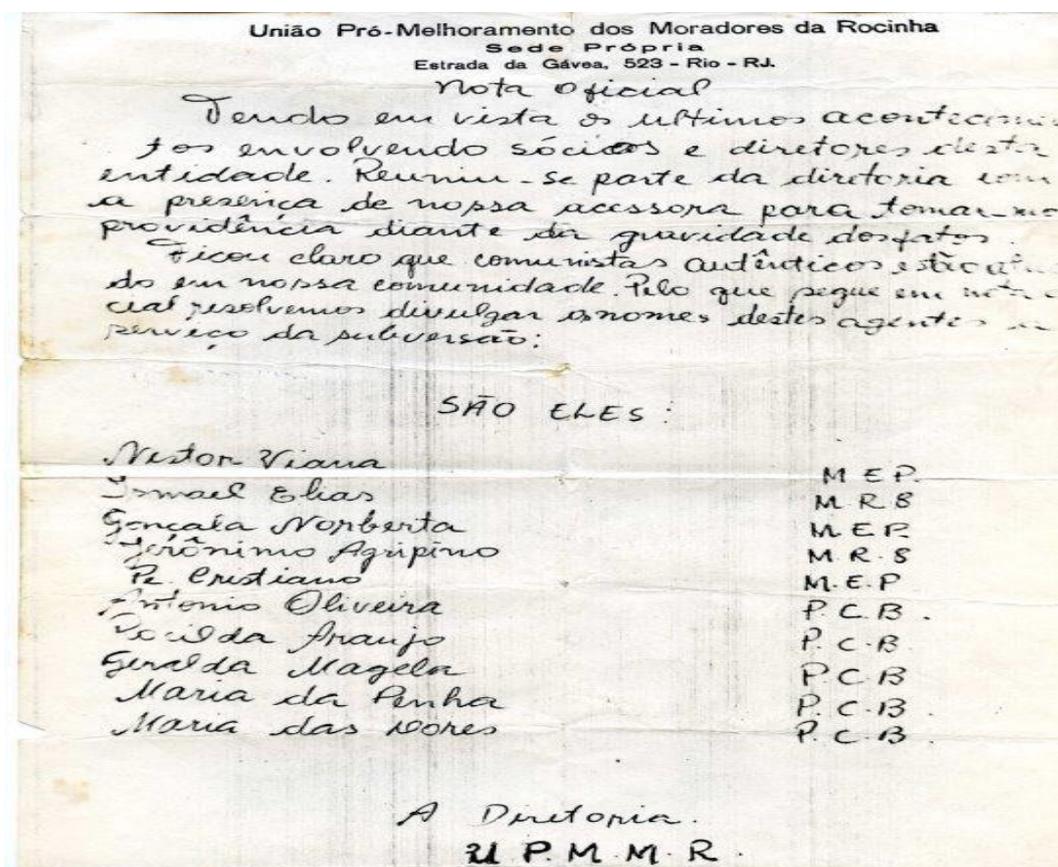


Imagem 3: Nota oficial da Associação de Moradores da Rocinha (UPMMR) sobre a participação de membros da Associação que seriam comunistas.

¹⁴ A imagem acima mostra uma possível disputa interna, pois segundo o presidente do museu de memória da Rocinha havia uma Associação clandestina que queria tomar o poder, sendo que no livro de memórias de Lígia Segala esses nomes são atrelados ao funcionamento e até mesmo presidência da UPMMR (União Pró-Melhoramento do Moradores da Rocinha).

A iluminação era majoritariamente de lampiões, somente algumas residências possuíam iluminação elétrica, já que, eram mais abastadas. Ao longo da Estrada da Gávea havia caixas de luz que distribuía energia para algumas casas, porém, para aumentar o acesso a luz foram criadas as redes coletivas. Essas redes

¹⁴ Disponível em: <<http://faveladarocinha.com/toda-a-rocinha-becos-e-vielas-fazem-parte-do-museu-sankofa-memoria-e-historia-da-rocinha/>><acessado em: 4 de maio de 2018>

possuíam um responsável que devia administrar a distribuição e cobrança do serviço, porém o grande problema sempre fora o pagamento e a falta de qualidade envolvida nessas ações.

Um pouco mais tarde, em 1967, a Associação passa administrar a questão da luz, devido a um excesso de tarefas o senhor Benedito Batista solicita ao presidente vigente o senhor Ismael da Silva para que ele fosse o responsável de uma nova comissão de luz, pois anteriormente havia uma comissão e assim desafogaria a Associação. Foi feita uma Assembleia Geral para poder discutir o assunto e foi passada a comissão. Batista vai ser agora o responsável por distribuir a luz para toda a Rocinha, porém ele deveria obedecer as normas estabelecidas pela CEE.¹⁵

Depois é que surgiu aí uma regulamentação de que as favelas deviam ter uma Comissão de Luz. A Comissão filiou-se depois à Comissão Estadual de Energia (CEE). A CEE foi uma criação do governo com fins moralizar essas leis. Tinha um estatuto uniforme para todas as Comissões de Luz. Contávamos com a sua assistência para facilitar a administração e orientar as comissões. Mas acabou que com muito calouro na coisa, a própria CEE teve muito problema de ordem jurídica. (ROCINHA 1983)

Devido a uma intervenção da CEE na Rocinha, Batista acaba se desligando. Todavia, ele acaba voltando devido a uma liminar judicial que foi baseada em uma “assembleia” no dia de feira e no centro da mesma com uma petição pública com trezentas e trinta e oito assinaturas segundo o jornal do Brasil. (ROCINHA 1983). Esse ato foi o início de um monopólio que acaba somente com a passagem da gestão energética para a Light em 1968.

Na linha do tempo apresentada no site memoriadarocinha.com.br¹⁶ as remoções tiveram impacto na vida dos moradores da Rocinha, não somente os da Rocinha, mas o de todos os moradores de favelas. Não há novidade que desde as reformas de Pereira Passos existe uma questão sobre remoção de favelas, essas que ocorrem sempre com características muito parecidas, mas as que acontecem na década de 1960, são muito significativas pelo contexto que se encontravam, um contexto de regime civil-militar.

Nos relatos de moradores e do Jornal do Brasil, não há uma massa de habitantes da Rocinha que vão morar em bairros planejados ou nos conjuntos

¹⁵ (Gonçalves, A política de remoção das favelas 2013)

¹⁶ Neste trabalho tenho usado a linha presente no site como base para contextualizar os relatos presentes no livro de Lúcia Segala.

habitacionais recém construídos, mas o temor de que essas ações chegassem a São Conrado foi grande, pois os moradores vivem dividindo um espaço que é sobretudo ocupado por uma elite, visto o fato de que o ex-prefeito Cesar Maia morar de frente para a praia do bairro de São Conrado.

O que aumentava o temor era o fato de que as ações para que ocorressem as remoções eram extremas e misteriosas, por exemplo, o caso da favela da Ilha da Dragas.

Entretanto, o caso ao qual gostaríamos de nos ater é o da remoção da favela Ilha das Dragas. Tratava-se de uma pequena favela localizada ao lado do Clube Caiçaras, cujo surgimento data dos anos de 1930, quando seus próprios moradores realizaram uma série de aterros na região (Amoroso, 2012, p. 135). Muitos trabalhavam nas redondezas, incluindo o clube em questão. Sua remoção ocorreu em fevereiro de 1969, antes da Praia do Pinto, e é caracterizada por uma forte mobilização de resistência, datada desde o ano anterior, a despeito do pequeno tamanho da localidade.

Em 8 de fevereiro de 1969, o *Correio da Manhã* noticiava: “Os quatro principais dirigentes da Associação de Moradores de Ilha das Dragas – favela ameaçada de remoção – foram sequestrados por pessoas que estavam em uma camioneta placa GB-30-92-30 e levados para lugar ignorado”. Foram levados Carlos Santos de Jesus, presidente da Associação, Laureano Martins, João Ribeiro de Almeida e Nicanor Rios, estes dois últimos de seus trabalhos em Copacabana e na rua Acre, respectivamente. A matéria informa que Carlos Santos de Jesus e Laureano Martins foram abordados por dois homens armados. (...)

Porém, a última reportagem sobre o caso data de 12 de fevereiro de 1969, apenas oito dias após a primeira, sem que se tenha informado o final do ocorrido. Tal afirmação, no entanto, deve ser considerada à luz da censura prévia e das dificuldades financeiras sofridas pelo periódico justamente por estar no campo da oposição ao governo. A remoção da Ilha das Dragas terminou no dia 25 de fevereiro, sem que se tivesse mais notícia de seus desaparecidos. (Gonçalves e Amoroso, GOLPE MILITAR E REMOÇÕES DAS FAVELAS CARIOCAS 2014)

O trecho acima, exemplifica o que ocorria nas favelas, as ações eram para dismantelar qualquer resistência política por parte dos moradores e retirar de áreas nobres que poderiam ser exploradas por empreiteiras. Essas ações ocorrem sobre tudo durante o mandato do então Governador Carlos Lacerda que com a ideia de mostrar que o Rio ainda era uma cidade importante para o país mesmo não sendo mais a capital nacional.

Com essa ideia fixa das remoções das favelas, Lacerda tira da Coordenação de Serviços Sociais Arthur Rios, importante Arquiteto que trabalhou por muito tempo com moradias populares e coloca Sandra Cavalcante, que compartilhava das

mesmas ideias.¹⁷ Para isso ele usa o financiamento do USAID (Agencia dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional ou em inglês *United States Agency for International Development*), que havia declarado muito mais fácil urbanizar as favelas então removidas do que construir novas casas, pois o valor da construção seria bem maior. Esse argumento usado no artigo de Amoroso e Gonçalves mostra como havia uma clara questão imobiliária e não a busca pelo melhor para os moradores da favela.

Com a saída de Lacerda do Governo do Estado, Negrão de Lima assume e inspira esperança, isso devido ao seu caráter mais liberal, porém foi durante o seu governo que houve a maior onda de remoções¹⁸, devido ao fato de terem ocorrido chuvas que devastaram muitas favelas na cidade, entre elas a Rocinha. Foi no ano de 1966 e no ano seguinte que acabaram por haver muitos mortos e feridos. Por esse motivo várias famílias foram removidas para os conjuntos habitacionais ou ocuparam a localidade conhecida como campo esperança.

Até hoje a estrutura da Rocinha sofre com chuvas, pois não há saneamento básico, assim como ainda há muitos moradores em zonas de riscos e habitando barracos de madeira. Nesse sentido, o passado e o presente ainda estão juntos, já que mesmo que sejam derrubados prédios antigos e, haja reformas em estabelecimentos que marcaram a história da Rocinha, ainda há os que mostram como tudo começou.

Da mesma forma que vemos esse contraste, percebemos que alguns projetos que se apresentam de forma benéfica para os moradores, não estão visando o interesse dos habitantes, mas o interesse de pessoas que estão por trás de alguma ação, assim como foi em 1960. Os discursos sobre revitalização e de urbanização ainda estão em vigência, assim como ocorreu no início do século XX. Assim, deixo uma pergunta. O que seria urbanização? Pois, a Rocinha é um bairro desde 1993, porém o poder público não deu a ela a estrutura de um. Hoje, portanto urbanizar a favela soa como um trazer a ordem ao que não possui ordem, mas que nunca é efetivado e dado cabo do verdadeiro problema que nos assola desde os primeiros habitantes: o saneamento básico.

¹⁷ (Valladares 2007), (Gonçalves e Amoroso, GOLPE MILITAR E REMOÇÕES DAS FAVELAS CARIOCAS 2014)

¹⁸ Op.cit

É, portanto, nesse cenário político que se passa a década de 1960 na Rocinha. Ela é marcada pelos distúrbios sociais que assolaram o país com a ação dos militares no governo. Além de mostrar como a situação ainda estava bem conturbada quando Negrão de Lima deixa o governo do Estado por pressão da oposição e é substituído por Chagas Freitas. Nesse momento as ações políticas no morro ainda não são tão “agressivas” devido a organização da política das forças armadas, mas já existe uma presença de candidatos a vereadores que sobem para pedir votos.

Muitos casos são difíceis de contextualizar, pois a cronologia da Rocinha foi muito perdida por falta de registros. No livro *Varal de Lembranças: Histórias sobre a Rocinha*, Lygia Segala mostra esse processo pela fala dos moradores mais antigos. Em sua apresentação ela escreve “Emendar as lembranças... Como? Ah, famosa cronologia! Nossas histórias não tinham datas” (ROCINHA,1983). Com essa afirmação, vemos, que ao montar uma fundação da Rocinha baseada em histórias orais, que vão se confirmando por meio dos acontecimentos na cidade do Rio e pelos poucos registros presentes em jornais, muitas dessas ações não foram registradas, portanto mostra que o marco da cronologia do Estado nem sempre é presente, é, sim um marco da ação, do que foi feito, por quem, como aconteceu? Esses são alguns dos indicadores.

Para tentar resgatar essas memórias foi criado o Sankofa, o museu de memória da Rocinha. A ideia é inspirada na ação de outras favelas para resgatar a sua própria história, porém este se encontra parado, pois não há espaço físico para construir uma sede, porém existe o seu site museudarocinha.blogspot.com.br. Além disso, como resultado de uma parceria entre o museu e o Instituto Moreira Sales foi criado o site já citado (o memória da Rocinha) que conta com imagens antigas de São Conrado, Rocinha e Gávea, tendo um paralelo com os dias atuais.

Mesmo com todas essas ações, constata-se que não há um grande interesse pela população da Rocinha em conhecer a sua própria história. A biblioteca C4, presente no meio da favela tem, trechos contando a história da Rocinha, porém não há uma massa interessada nesse fato. O que mais tem preocupado a alguns pensadores da localidade é que as crianças têm sido afastadas desse conhecimento e não tem tido nenhum tipo de contato, portanto tem-se percebido uma necessidade de um trabalho de formação cultural, de valorização do patrimônio cultural e da

recuperação de uma história local que tem ficado restrita, e que não está sendo reivindicada.

A trajetória dos anos 1970, vão ser o esboço para o que será a Rocinha das futuras décadas, pois a partir da construção do túnel e da fundação da Escola Francisco de Paula Brito a vida da favela irá começar a ter uma mudança, pois o túnel Dois Irmãos irá facilitar o acesso à Barra. A Escola será o foco de diversas ações do Estado. Portanto, podemos ver então, que a vida começa a ser mais dinâmica, já que não é mais preciso deixar o morro para levar o filho para uma escola adequada, o tempo para chegar ao trabalho diminui.

Portanto, os anos que virão serão anos de mudanças, os acontecimentos dos anos anteriores vão servir de base para as novas reivindicações, novas lutas que não cessam, mas tem uma nova cara e uma nova organização. Isso ocorre principalmente após o fim do regime Civil-Militar e com os programas para atender as demandas antes não atendidas.

Educar para quem e para quê?

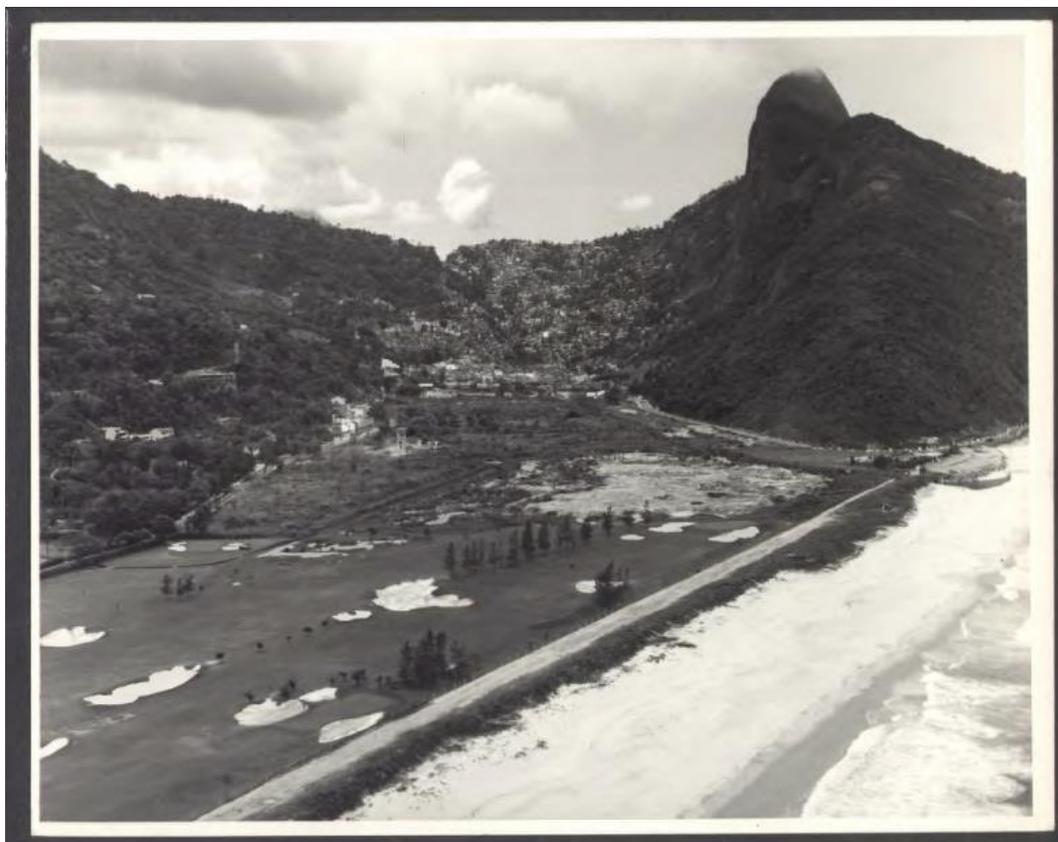


Foto 2:Arquivo Nacional, Fundo/Coleção: Correio da Manhã, Data Nov.1971 Fotografo: desconhecido

No ano de 1970, vão ocorrer algumas mudanças ao redor da Rocinha, a mais noticiada é construção do Túnel Dois Irmãos que toma as páginas dos principais Jornais da época. Porém, as notícias dos acontecimentos dentro da Rocinha não serão divulgadas.

O mesmo acontece no ano seguinte, pois, no dia 3 de Março de 1971 foi inaugurada a Escola Municipal Francisco de Paula Brito. A escola já havia sendo pensada anos antes, sendo seu terreno adquirido no ano de 1969 e, no ano seguinte, iniciada a sua construção. Segundo os relatos que foram recolhidos, alguns registros e reportagens, a escola não fora a primeira, porém ela irá cumprir um papel fundamental para o período.

As escolas que foram criadas anteriormente são fora da Rocinha como o Educandário Valdemar Falcão ou escolas em péssimo estado como a escola Darcy Faria de Almeida- essa teve como instituição chefe a Fundação Leão XIII- e a Escola Pastor Belarmino. Todas essas instituições hoje se encontram fechadas, pois já nesse período as suas instalações eram precárias. Além dessas haviam diversas salas com turmas multi-seriadas, pois algum morador que sabia ler ou escrever se dispunha a ensinar cobrando um valor acessível e dispondo de um horário mais extenso, permitindo assim, aos responsáveis trabalharem e tinham uma prática religiosa em sua rotina escolar.

Portanto, a Francisco de Paula Brito ira ser a primeira escola a estar dentro dos padrões de uma nova época, que tem por objetivo prepara o habitante da favela para uma vida mais digna e fora da marginalidade para isso ele deveria ser inserido nesse modelo de vida. Essa perspectiva está inserida na lógica que Negrão de Lima tenta quebrar, porém não consegue devido as pressões políticas, para tanto algum tempo depois ele é deposto¹⁹.

2.1 Os dois irmãos: A construção de um túnel

A imprensa carioca cobriu em grande parte a construção do túnel pelo que ele representava naquele momento. Ele era o símbolo da intenção do Estado em viabilizar o trânsito da cidade como também da: disputa territorial que envolviam a PUC-Rio (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro), a favela do Alto solar²⁰ e a destruição de parte o primeiro andar do Edifício Minhocão.

As tensões iniciam quando o projeto mostra que deve passar por dentro do terreno da PUC, mas a reitoria manifesta-se contra, além de ter sido iniciada a remoção de mais de cem famílias que compunham a favela Alto Solar por parte do Estado.²¹ Esse empasse acabou atrasando as obras do lado da gávea enquanto o lado de São Conrado estava dentro do cronograma e acabou primeiro. Essa obra foi benéfica para a Rocinha, pois muitos moradores conseguiram emprego ali. Vale

¹⁹ Essa é a proposta da CHISAM que busca um movimento de elevação dos favelados, porém sem romper a lógica estrutural.

²⁰ A favela Alto Solar ou também conhecida como Parque Proletário da Gávea, onde hoje é um terminal rodoviário em frente ao portão principal da PUC-Rio.

²¹ (Valladares 2007)

lembrar que o túnel Dois Irmãos é composto por duas galerias: a primeira, um túnel acústico atualmente chamado de Rafael Mascarenhas e a segunda: túnel Zuzu Angel.



Foto 3:Arquivo Nacional, Fundo/Coleção: Correio da Manhã, Data 7/7/1970 Fotografo: Milton

A imagem do acervo do Jornal Correio da Manhã mostra como era o processo, pois era algo sistemático que acontecia e sem data marcada. O caminhão chegava e todos tinham de retirar suas coisas e sair de suas casas, além de estar nos planos do Estado retirar o Parque Proletário a construção do túnel ajudou a efetivá-lo, por fim a obra acabou por não passar por ali e seus moradores foram removidos.



Foto 4: Construção do Túnel dois irmãos (Lado Rocinha) < Disponível em: <http://www.rocinha.org/arteeastral/view.asp?id=139> > < Acessado em: 15 de maio de 2018 >

O projeto da construção do túnel está ligado a urbanização da Barra, pois o elevado do Joá é construído nesse mesmo período, sendo o primeiro a ficar pronto para que facilitasse o acesso ao outro lado e não tivessem que passar pelo alto da boa vista. Somado a esses projetos haveria a construção da auto-estrada Lagoa Barra que, se iniciava na Lagoa e termina ligando a Avenida Lucio Costa, o nome foi dado em homenagem ao idealizador do projeto.

O interessante é notar que esse projeto iniciasse no momento de crescimento da Rocinha e do Vidigal, a Avenida Niemayer é mais usada se comparada a Estrada da Gávea, porém com a construção do túnel se evita de passar pelas duas. A insatisfação de passar por dentro da Rocinha fica aparente durante o ano de 1970, quando a outra via fica fechada para obras devido ao deslizamento no solo, e a

problemas estruturais fato que é noticiado pelo jornal do Brasil nesse momento. Além de conter muitas informações sobre essa obra, havia diversas ofertas de emprego para moradores da Rocinha apenas, mostrando como essa serviu de local de possibilidades de mão de trabalho. Por isso, a construção do túnel não beneficiaria só aqueles que queriam ir para a região da Barra, mas aqueles de São Conrado, ou seja, estaria beneficiando também os favelados a chegarem no trabalho que demoraria apenas de cinco a dez minutos para chegar na Gávea.

2.2 Eis que surge a Francisco de Paula Brito

O ano de 1971, inicia com um grande choque para a Rocinha, pois desde dezembro do ano anterior a favela é assolada com chuvas e muitos barracos e vidas foram perdidos. Isso contribui para o discurso de que a favela é um lugar de desordem e de marginalidade. Em seu texto “‘São as águas de março fechando o verão...’ chuvas e políticas urbanas nas favelas”, Rafael Soares Gonçalves defende a tese de que, todas as grandes chuvas do Rio sempre causam um grande debate e geram gastos aos cofres públicos.²²

É nesse contexto que a escola Francisco de Paula Brito é fundada, em meio a situação de famílias sendo removidas para centros de acolhimento ou enviadas aos conjuntos habitacionais. Nesse momento a escola será importante, pois ela vai servir não de amparo social, mas como “solução” para uma política que já vinha sendo implementada na Rocinha, uma política educacional. Lendo pelas lentes de Rafael Gonçalves e pela política defendida pela CHISAM (Coordenação de Habitação de interesse Social da Área Metropolitana), a fundação da escola nesse momento vai ser então, a grande solução para a “mudança” desses sujeitos.

As políticas de remoção não serão possíveis devido ao tamanho da favela, essas famílias só são removidas devido as chuvas. Sempre que há alguma pergunta voltada para a remoção da Rocinha respostas são taxativas e objetivas, elas ficariam para o governo seguinte que não deu prosseguimento a esse tipo de política. E por que o governo de Negrão de Lima não efetivou essa ação? Primeiro ele não era a

²² (Gonçalves, “são as águas de março fechando o verão...” chuvas e políticas urbanas nas favelas cariocas 2015)

favor das remoções e segundo não havia recursos para remover a Rocinha devido ao seu tamanho.²³ No final do ano de 1971 ocorre a remoção de uma localidade. Segundo alguns moradores mais antigos há duas localidades que possuem donos: o Laboriaux e o Portão Vermelho. O primeiro foi desocupado pois, seu dono iria utiliza-lo, mas acabou sendo reocupada algum tempo depois.²⁴

A alternativa que Negrão de Lima buscou para à mudança é a efetivação e a criação da escola, pois o seu interesse se alinharia ao da CHISAM. A Coordenação de Habitação Interesse Social da Área Metropolitana, estava interessada em proporcionar uma ação educadora dentro das comunidades, pois assim, elas sairiam da sua situação de pobreza, já que perceberiam que é graças a sua falta de saber que estão nesse estado.²⁵ Mesmo que Negrão de Lima não entendesse dessa forma, as ações da CHISAM nesse momento foram efetivas, já que o discurso Federal era de formação de mão de obra capacitada, e portanto era necessário formar cidadãos para a ação no mercado de trabalho formal, mesmo que nesse caso fosse somente alguns anos. É nesse contexto político que foi fundada a Escola Francisco de Paula Brito, o terreno adquirido fora na Rua Dionéia, no momento da compra o terreno não era ocupado e que, passa a ser ocupado pelas famílias que haviam perdido as casas no início do ano de 1971 e que estavam retornando aos poucos, assim dando início a localidade que é conhecida como Paula Brito, que foi o nome dado a escola inicialmente.

DECRETO "E" Nº.4.860-A-DE 11 de Março de 1971 cria a unidade escolar Paula Brito.

O governo do Estado da Guanabara, no uso de suas atribuições legais,

Decreta:

Artigo Único- Fica criada e incluída no Anexo I a que se refere o artigo 2º do Decreto "N" nº 60, de 5 de Setembro de 1963, autuado pelo Decreto "N" nº. 307, de 10 de novembro de 1964, na parte referente ao 2º Distrito Educacional da VI Região Administrativa- Lagoa, a unidade escolar 2,2- VI Paula Brito, localizada na Rua Dionéia s/nº, na Rocinha-Gávea.

²³ (Gonçalves e Amoroso, GOLPE MILITAR E REMOÇÕES DAS FAVELAS CARIOCAS 2014)

²⁴ Atualmente o Portão Vermelho é pouco ocupado e possui um ecoparque e também o quartel da UPP Rocinha.

²⁵ (Valla 1985)



Foto 5: Placa de inauguração da Escola

O decreto²⁶ e a placa de fundação nos mostram o nome sob o qual foi fundada a Escola, porém na última reforma a escola tem o nome modificado para Francisco de Paula Brito²⁷. Essa ação nos mostra que devido ao momento em que se vivia no Brasil, o primeiro nome foi retirado devido a sua importância histórica e sua luta política, pois o nome remete a um negro que havia conseguido destaque na sociedade imperial e que tinha grande influência, portanto o motivo do patrono da escola ser ele é totalmente justificável, já que, assim como os negros eram

²⁶ O decreto do Governador Negrão de Lima está presente no livro de legislações do ano de 1971, que foi consultado no Arquivo Geral do Rio de Janeiro.

²⁷ Francisco de Paula Brito nasceu em 1809 e morreu aos 56 anos em 1861. Foi importante litógrafo, dramaturgo, jornalista, poeta e tradutor brasileiro. Ele mantinha forte amizade com o jovem Machado de Assis.

marginais nessa sociedade o favelado ainda é marginal e nesse momento a escola era a forma de ascensão social²⁸.

Ao pesquisar *in loco* duas coisas ressaltaram. A primeira é que, nenhum funcionário sabia que era um homem devido à falta de acesso a história do escola, pois não haviam trabalhos para explicar quem era, essa falta talvez seja pelo desconhecimento do primeiro nome, pois todos incluindo os moradores sempre acharam que se trava de uma mulher importante. Podemos afirmar portanto que, havia uma falta de acesso a informações e que, somente com a reforma fora possível acessa-las. E o segundo ponto é que, o espírito da fundação da escola era um espírito transformador -assim como o próprio Francisco de Paula foi em seu tempo mesmo com adversidade- logo pode ser lida como uma forma sutil de protesto a ditadura e de apoio as classes mais pobres.



Figura 1: Francisco de Paula Brito. Disponível em:<<http://antigo.acordacultura.org.br/herois/herois/franciscobrito>><Acessado em: 15 de Maio de 2018>

²⁸ (Bourdieu 2009)

Essa escola vai ser construída para atender uma demanda de alunos que estava na Rocinha nesse momento. As escolas que haviam na região estavam em condições muito precárias, então, ali estava uma resposta a essas situações. A escola Pastor Belarmino, além disso estava com uma superlotação de alunos, para isso a Paula Brito era uma forma de atender aos alunos que excediam a sua capacidade. Pesquisando nos arquivos da escola Francisco de Paula Brito, há o registro de alunos, suas notas e presenças.

Pesquisando nos arquivos da escola Francisco de Paula Brito, há o registro de alunos, suas notas e presenças.

Secretaria Municipal de Educação

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

C Escola Municipal 3.6.23 Pastor Belarmino Teixeira Martins

rua da Gávea, 549-A

Nome	Matricula	Cargo	Cód. Oper.
de Bandeira Arantes	12/041899-6	P.II	N.6
Ben Luz de Assis Ribeiro	10/094750-7	P.II	N.3
de Ferroira	10/017084-5	E.FD.	N.6
Luiza Vianca Serrão	10/041230-4	P.II	N.5
	10/017398-9	P.II	N.3
	10/100544-6	P.II	N.3

Imagem 5: Lista de alunos transferidos

SEPO - SEÇÃO DE NORMAS E PROGRAMAS

Escola: Paula Brito

Turma: 11 Classificação: ANI

Data: / / 1971

Número de ordem	NOME DO ALUNO	Sexo	Idade em anos que frequentava a Escola	Data de nascimento		Idade em anos em 30 de Março	Frequência do professor (1 a 2)	Presenças em aulas	Faltas	Observações
				dia	mês					
1	Antônio Máximo Marcelino	M	5	3.4.59	12					REN1
2	Francisco de Assis Albuquerque	M	5	30.7.60	11					REN2
3	Jorge Luiz de Araújo	M	4	19.3.60	11					REN1
4	José Carlos da Costa Domingues	M	4	17.6.61	10					REN1
5	Arnaldo Domingues Barreto	M	4	29.5.61	10					REN1
6	Mauro Barbosa Silva Moura	M	4	31.3.60	11					REN1
7	Ediane Pereira Cabral	F	5	9.9.60	10					REN1
8	Luiza Soares Sampaio	F	5	3.9.59	12					REN1
9	Maria Rênia Simas	F	3	19.7.60	11					REN1
10	Miriam Virgínia de Araújo	F	3	18.2.61	10					REN1
11	Nadir Pinto de Brito	F	5	4.5.59	12					REN2
12	Mair Pinto de Brito	F	4	29.5.61	10					REN1
13	Mair Pinto de Brito	F	4	16.3.61	10					REN1

Imagem 4: Notas de alunos

As duas imagens acima são de documentos presentes na escola, que mostram a sua trajetória, mostram como os alunos foram transferidos, o que somava-se aos alunos que haviam sido matriculados. A escola nesse momento funcionava em três horários: um pela manhã, outro a tarde e noturno – o último começava por volta das 16:30/17 e terminava por volta das 19/20 horas.

Em conversa com uma das funcionárias mais antigas da escola, a mesma disse que os professores tinham experiência e eram de classe média, sendo um deles professor da UFRJ. Eles tinham boa relação com seus alunos, deixando posteriormente a relação professor aluno e tornando-se amigos. Ela disse ainda mais, que os professores tinham uma imunidade por parte do movimento armado local.

Portanto, esses professores tinham experiência e possuíam graduação nas instituições de destaque do Rio, além de ser nesse momento que iniciam as pesquisas de campo em favelas, pois já havia sido criada a pós-graduação no Museu Nacional.²⁹ Sendo assim, a presença desses professores já era um movimento que estava dentro dos centros universitários, mesmo que esses professores não tivessem relação com essas pesquisas, mas a presença das pesquisas e de professores que se sentiam bem e tinham liberdade dentro das favelas, mostra que havia uma civilidade dentro da favela e mostra como isso foi construído.³⁰

O que acontece nesse momento é a elevação do capital cultural³¹, desses alunos devido ao envolvimento com esses professores. Portanto, o que ocorrerá não é a saída desses discentes da pobreza, mas o estabelecimento de um centro de formação que até hoje tem em sua história boas referências dentro da própria Rocinha. Não somente do ponto de vista histórico, mas também do ponto de vista da memória, pois muitos moradores de foram alunos dela guardam as lembranças desses momentos.

²⁹ (Valladares 2007)

³⁰ (Gonçalves e Amoroso, GOLPE MILITAR E REMOÇÕES DAS FAVELAS CARIOCAS 2014) (Valla 1985) (Gonçalves, “são as águas de março fechando o verão...” chuvas e políticas urbanas nas favelas cariocas 2015)

³¹ (Bourdieu 2009)

Portanto, a Escola Francisco de Paula Brito terá um impacto positivo na realidade da favela, pois ela será o centro das principais ações políticas do período atuando sempre como: Zona Eleitoral, Centro de vacinação em período de campanha ou como refúgio em tempos de chuvas fortes como é feito atualmente. Mesmo que houvesse outros centros com essas mesmas funções, o prédio da escola ainda vai ser um dos primeiros referenciais para as intervenções.

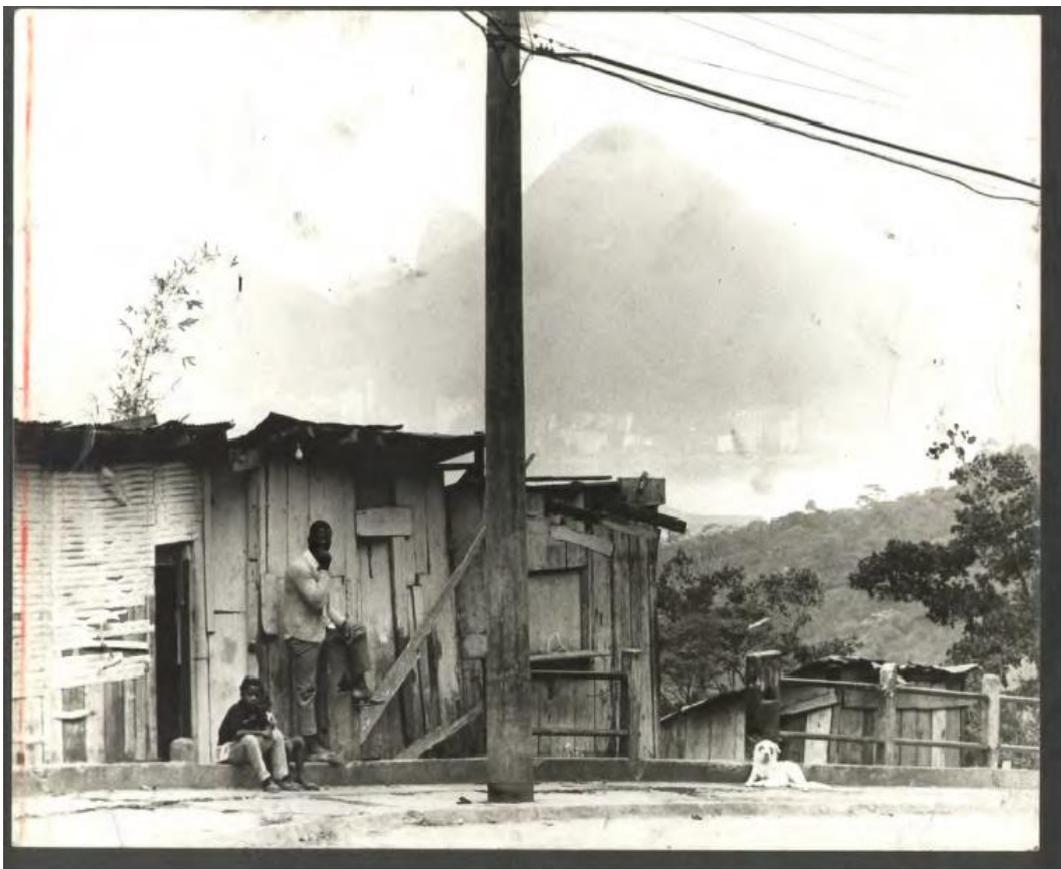


Foto 6:Arquivo Nacional, Fundo/Coleção: Correio da Manhã, Data 7/10/1971 Fotografo: Jacinto

A imagem mostra a localidade conhecida como “Curva do S”, podemos ver como era o ambiente da Rocinha nesse momento. Como eram ainda muitas das construções e como ela está se expandindo e se consolidando. Vemos ao fundo grande parte da Pedra da Gávea, podemos perceber também a presença de muitas árvores, portanto ainda havia uma grande carência em questões estruturais.

Conclusão:

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à "memória oficial", o caso a memória nacional. (Pollack, Memória, Esquecimento, Silêncio 1989)

Finalmente, pensar historicamente leva à compreensão do que de fato significa a história: a sucessão do inesperado, do novo, do inusitado e da criação constante, e não apenas a determinação, a permanência, a continuidade. (Cerri 2011)

As políticas públicas destinadas às favelas no período ... Vão ao encontro a uma série de interesses que eram presentes nas esferas dos poderes da União, nesse momento liderada pelos militares, e do então Estado da Guanabara, sendo representado pelo governador Francisco Negrão de Lima. Tais políticas serão financiadas pelo USAID (Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional ou em inglês *United States Agency for International Development*.) que visava em uma colaboração para o progresso do Brasil dentro da lógica do programa Aliança para o Progresso. Nesse período duas políticas eram vigentes no Rio de Janeiro: a da CHISAM (Coordenação de Habitação de interesse Social da Área Metropolitana) e a CODESCO (Companhia de Desenvolvimento de Comunidades). A primeira era apoiada pelos militares, então no controle das instituições, logo recebia uma verba maior

Licia Valladares diz que:

“O projeto CODESCO visava manter os habitantes na favela, organizar sua participação nos trabalhos de remanejamento de seus espaços; assegurar a implantação das redes de infra-estrutura (água, esgoto, eletricidade); fornecer pequenos financiamentos às famílias para melhoria ou reconstrução de suas casas; oficializar a ocupação dos terrenos pela venda aos residentes de lotes individuais” (Valladares 2007)

Enquanto a CHISAM, como já mencionado no capítulo anterior, buscava promover uma “educação” para o favelado, isso por meio da remoção e realocação do espaço. Victor Valla apresenta as razões da criação da CHISAM

“1 os moradores da favela na realidade eram alienados da sociedade por causa da sua habitação; 2 a população favelada não tem os benefícios de serviços porque não paga impostos; 3 a família favelada necessitaria uma reabilitação dos moradores à comunidade, não somente no modo de habitar, mas também no modo de pensar e viver; 5 é necessário alterar o panorama urbano deformado.” (Victor Vincent Valla, Jorge Ricardo Gonçalves 1986)

As duas políticas aparentam uma contradição, porém elas são concomitantes e ambas não buscam de fato sanar a necessidade do morador, mas sim uma tentativa de remodelar a cidade ao molde dos grupos hegemônicos. A CODESCO foi criada, mas não atendia aos grandes empreiteiros, em resposta, o governo federal lança a CHISAM que vai ter apoio do Banco Nacional da Habitação³². Desse modo, as duas medidas vão disputar formas de fazer cumprir as políticas para as favelas. Ao fim e ao cabo as duas perseguiram a mesma finalidade, ou seja, eram pautadas pelo mesmo discurso, que consistia em possibilitar uma condição melhor de vida para o favelado. É evidente que essa intenção estava conjugada a outra, com a qual se coadunava: a execução de um projeto de urbanização e desenvolvimento da cidade, nos moldes aceitáveis pelos grupos hegemônicos da sociedade. A melhoria das condições de vida do favelado porém, estava condicionada a “altos custos”. Os removidos pela CHISAM eram deslocados para locais distantes dos centros urbanos, enquanto a CODESCO³³ agia no sentido de manter os residentes no local, reformando-o.

Portanto, a proposta educativa dessas duas ações está voltada para a inserção desses moradores no mercado capitalista imobiliário formal (Victor Vincent Valla, Jorge Ricardo Gonçalves 1986). Assim, a “educação” que é pretendida é uma civilização pelo espaço que é alcançada pela remoção ou reestruturação das casas. Sendo assim, o que ocorre não é o condicionamento de quem mora, mas a introdução abrupta de indivíduos sem condições em uma situação de regularidade social que, para eles não é possível manter, pois a sua condição financeira é muito aquém do que é exigido.

³² Foi criado em 1964, para financiar as obras para a construção de habitações para pessoas com baixa renda. Para uma referência completa, acesse verbete disponível em: <<<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbetes-tematico/banco-nacional-da-habitacao-bnh>>>. Acessado em: 07/06/2018.

³³ A CODESCO, iria focar seus esforços nas favelas Mata Machado, Morro da União e Brás de Pina. Devido a verbas e situações do cotidiano, como falta de pagamento o plano não foi muito afrente ficando somente em Brás de Pina. (Gonçalves, A política de remoção das favelas 2013)

Podemos ver, então, que a atuação do governo nesse momento foi a de uma imposição de estrutura urbana e não a de promover condições para a mudança de vida. Essa imposição é vista em toda uma estrutura que caracteriza o governo ditatorial no Brasil, que é refletida também em toda a sua política para as favelas. Sendo assim, a construção da escola na Rocinha também está dentro desse contexto, mesmo que tenha sido uma obra benéfica para a sociedade no entorno, ela está dentro de uma lógica de imposição de padrões e que também tem o envolvimento da classe empresarial.

Victor Valla, diz que essas ações são humanístico-persuasivas pelo seu caráter de uma preocupação do ser, mas de forma a convencer da sua condição de marginalidade e deficiência social. Valla escreve: “O autoritarismo presente nas propostas institucionais remocionistas também está presente nas propostas educacionais, persuasivas e de desenvolvimento de comunidade.” Logo, as ações são para fazer uma lógica de classe média urbana sobre o que é a favela, sendo uma forma de limpeza da paisagem urbana do Rio de Janeiro. Milton Santos defendia a ideia de que, a metrópole completa seria aquela que a população fosse atendida por todos os serviços públicos, sendo assim, o Rio de Janeiro seria uma metrópole incompleta graças as favelas.³⁴

Dentro dessa perspectiva humanística-persuasiva, a escola Francisco de Paula Brito vai ter seu papel na formação de indivíduos que vão ser futuros trabalhadores, fruto de uma política militar para a formação de mão de obra qualificada, e, portanto, preparando esse morador da Rocinha para a vida profissional. Podemos então afirmar que os objetivos eram muito mais complexos e nem sempre claros, pois grande parte dos alunos eram crianças, somente o turno da noite era composto por adultos. Disto decorre que o projeto civilizatório, pressupondo-se a aplicação de uma perspectiva humanista-persuasiva, pretendia, por meio da educação escolar, impor uma formação voltada à preparação de mão de obra.

Sabendo quem são os professores que atuavam na escola, sabendo quem fora seu patrono, podemos construir um discurso que permita esses argumentos,

³⁴ O interessante aqui é saber que, o contexto dessa ideia de Milton Santos é do seu discurso sobre as cidades colônias que carregam uma herança do período de colonização na estrutura de suas cidades.

pois não há escolha feitas ao acaso, as escolhas são intencionais. A Rocinha fora a única favela a não ser removida da Zona Sul, mesmo que nas páginas do Jornal do Brasil fosse proclamado que esse trabalho ficaria para o governo seguinte - nesse caso o governo de Chagas Freitas. Portanto, o projeto que vingou na Rocinha nesse momento foi de impor uma civilidade pela educação.

Bourdieu³⁵ afirma que há uma preocupação maior quanto ao capital cultural por parte das classes mais pobres, pois é esse capital que possibilita a civilidade. Sendo assim, era através do estudo da formação em primeiro grau que o morador da Rocinha seria inserido na lógica de uma vida melhor, e, por conseguinte, fora da favela. Isso era o que caracterizava o discurso defendido pela CHISAM. Assim, é possível afirmar que, graças a proximidade da Rocinha com bairros como Gávea e São Conrado, o favelado seria levado a pensar em sua condição precária, atendendo a lógica imposta pela CHISAM.

O fruto dessa proposta foi uma perspectiva que não permite romper com a geografia da favela, pois a lógica da favela acabou por se perpetuar ao longo do tempo. Segundo Burgos:

“O resultado é uma escola amplamente exposta aos efeitos do lugar, e com pouca capacidade de apresentar-se como um ambiente institucional organizado que sirva de referência para seu público e sua vizinhança. Isso tem especial importância para as escolas de ensino fundamental, não apenas porque é sobretudo nela que a massificação ocorre (...), mas também porque é nas escolas de ensino fundamental que a matrícula escolar guarda elevada correlação com o local de moradia” (Julia Ventura, Francicleo Castro Ramos, Marcelo Baumann Burgos 2014)

É, portanto, nesse período que a escola começa a criar uma fronteira de pertencimento. Então, o reflexo dessa proposta de educação civilizadora seria esse isolamento cultural que por muitas vezes não é rompido pelos moradores da Rocinha, pois a cidade não é vista como seu espaço, sendo este somente o da favela, nesse caso a Rocinha.

Essas ações são fruto de uma perspectiva que se afasta da percepção de indivíduo autônomo, ideias cunhadas por Paulo Freire. Essa leitura já era defendida no livro “a Pedagogia do Oprimido”, onde o aluno é posto como aquele que possui um conhecimento próprio e que o professor não pode usar mais da educação

³⁵ (Bourdieu 2009)

bancária, onde ele deposita conhecimento nos alunos (Freire 2017). É, portanto esse modelo de educação que é perpetuado no regime militar.

Essa forma de ensino acaba por privilegiar somente uma perspectiva de ensino, uma forma de mundo que não é condizente com a realidade da criança favelada. Acaba também por levar a compreensão de que através dos estudos, nos moldes impostos, há uma possibilidade de ascensão social. Para muitos a função da escola nesse momento. É comum ainda hoje na favela escutar: “estude para não ser com seus pais” ou “estude para ter um bom emprego e sair da favela”.

Portanto, a ideia de uma possibilidade de melhora de vida, ascensão social e saída da favela está ainda muito presente na vida dos moradores da Rocinha. Mesmo que ela não tenha passado por uma remoção propriamente, a presença desses comentários leva a reflexão de como essas práticas afetaram a vida do morador de favela, e de como a construção da escola foi um alívio para a população da Rocinha, exatamente por pensar em uma possibilidade de melhora de vida que, afinal, implica senão em ser removido, em um *remover-se* do espaço da favela. É, ao fim e ao cabo, a institucionalização da ideia de que a favela é o espaço da subalternidade e da marginalidade. Ascender dessa condição significaria, então, *remover-se* deste espaço.

Ainda usando dos argumentos de Paulo Freire, a educação libertadora seria aquela que resultasse na autonomia do aluno, tornando-se consciente da sua própria realidade e instrumentalizando-o a interagir com ela, buscando a solução dos problemas enfrentados. A solução dada não foi efetiva, apenas cobrindo um *furo* dentre os diversos vazamentos. O *furo* coberto nesse caso foi o da construção da escola Francisco de Paula Brito, o que daria maior regularidade, nos moldes do que pretendia o Estado, ao ensino público e com algum grau de qualidade. Os demais “furos”, como o combate à pobreza, investimento em saneamento básico ou até mesmo na melhoria de transportes, não foi feito em nenhum dos governos, tanto no de Negrão de Lima, quanto, posteriormente, no de Chagas Freitas. O uso da noção de “espaço de regulação”³⁶ é demonstrado quando é necessário um local para fazer campanhas públicas como: vacinação, eleição ou alguma atividade que receba um grande volume de pessoas. O espaço da escola é, até os dias de hoje, uma zona

³⁶ Ao dizer espaço de regulação, me refiro a um espaço usado pelo Estado para que posse se cumprir o seu plano, nesse caso a civilização.

eleitoral. Também funciona como centro de vacinação em campanhas. Assim, podemos afirmar que esse espaço é um espaço usado para fins de ações do Estado. Constituiu-se, desse modo, como uma obra na qual se faz ver claramente a ação do governo da Guanabara, pois o uso do espaço nesse momento é objetivamente do Estado, não havendo uma ressignificação por parte dos moradores com ações comunitárias internas.

As ações de ressignificação do espaço escolar, normalmente, ficam de fora do que vinha sendo produzido sobre o estudo de favela, pois ela é significativa somente para aqueles que estão “vivendo o morro”, conhecedores, assim, dos códigos culturais presentes na comunidade. Isso faz do pesquisador que vive na comunidade, mais sensível as questões que são localmente importantes. O olhar do pesquisador detentor de outro lugar de fala. Resulta em análises que negligenciam as dinâmicas socioculturais internas, traduzindo-se, portanto, em análises pouco representativas da realidade cotidiana da favela.

Lícia Valladares defende que após a criação do programa de pós graduação do museu nacional há um grande crescimento no número de trabalhos sobre favela no Rio de Janeiro. Esses trabalhos vão ser diversos e sempre voltados para as Ciências Sociais, Antropologia, Geografia e Serviço Social (Valladares 2007). Eram sobretudo esses três campos que predominavam quanto aos estudos sobre a favela. Mesmo que não fosse novidade, os estudos da favela acontecem desde o período Vargas, mas é nesse momento que ele ganha um destaque, pois eles não são mais feitos pelo Estado ou uma agência, mas são os universitários acadêmicos que vão descrever esse campo tão promissor para aquele momento.

A criação da Pós-Graduação do Museu Nacional acontece na década de 1970, no exato período das remoções, portanto, das mudanças políticas, da repressão, das ações dos grupos armados que eram constantes e faziam parte do dia-a-dia. Os jovens pesquisadores eram todos oriundos das classes média e alta. Estes tiveram contato com Antony Leeds³⁷ - importante sociólogo que contribuiu para a formação dos estudos urbanos no Rio de Janeiro.

³⁷ Anthony Leeds fora importante sociólogo estadunidense que, ajudou a fundar o curso de pós-graduação do museu nacional, além de ter influenciado a antropologia urbana e nos estudos de favela. Ele atuou no Brasil sobretudo na década de 1960 sendo líder dos *Pace Corps* e posteriormente ministrando aulas, sobretudo aulas de campo.

Portanto, a construção da ideia de favela não foi feita por seus moradores, mas por aqueles que eram externos a ela. Ainda que tenham feito trabalhos de campo, o seu olhar era permeado de questões ligadas ao conhecimento, ao que era importante pelo o que a academia lhe colocava como considerável, e não aquilo que aquele grupo social via como importante e fundamental. E mais uma vez era perpetuada a ação de cima para baixo nas favelas.

Essas leituras ainda duram até os dias de hoje, pois muitas obras basilares sobre o estudo da favela são feitas por moradores externos a favela, como por exemplo as obras de Licia Valladares, ou as obras de Hermano Viana sobre o Funk e outras. Os clássicos hoje estão sendo lidos por aqueles que antes eram objetos e se tornaram observadores e estão começando ocupar os espaços que antes não eram possíveis, pois romperam com barreiras tanto físicas quanto simbólicas.

Nesse sentido, o que vemos hoje é uma produção feita por acadêmicos favelados sobre o seu próprio lugar de fala. Esse favelado intelectual que toma consciência dos estudos clássicos, mas (res) significa-os a partir da análise da situação do seu lugar por dentro. Portanto, os estudos da favela estão passando por uma renovação, essas produções marcam não somente a entrada dos moradores de favela na universidade, mas o trabalho de acesso a memória desses locais³⁸.

Enquanto isso, os estudos da história vêm aos poucos despertando para esse campo. Valladares, ao mostrar o número de trabalhos defendidos após 1970, aponta que apenas 1 era da área da história. Mesmo com a influência dos muitos trabalhos sobre favelas enfatizando a história pelos de baixo, influenciados pela nova esquerda e por autores como E.P. Thompson, estes não foram tão fortes como estudos sobre o trabalhismo e movimentos políticos e a releitura de uma história nacional.

Então, atualmente, o tema das favelas tem tido uma popularidade muito grande entre os alunos de história, graças a presença desses moradores que estão nas universidades e que buscam produzir o conhecimento sobre o seu local de moradia. Além de mostrar também o desenvolvimento político social desses sujeitos. Portanto, a releitura da história da favela vem sendo feita, já que a história da mesma é comumente publicizada por intermédio de setores subservientes ao

³⁸ As obras que foram usadas por mim nesse trabalho e que se encaixam nessa lógica são: (Rodrigues 2016), (Silva 2012).

Estado ou por uma mídia nem sempre pautada pela ética. O lugar que os moradores queriam está aos poucos sendo alcançado, com suas vozes ganhando volume e se tornando mais intensa. Essas contribuições apontam para a desconstrução de uma marginalidade montada por aqueles com poder econômico e que detinham o controle dos meios de difusão de ideias.

Nessa ótica, é possível, hoje, apontar para esforços no sentido de estabelecer uma lógica de inserção na história oficial, mas presente em uma leitura decolonial. Sobre o colonial:

“A colonialidade, portanto, sobrevive ao colonialismo e se reproduz, segundo apresenta Walter D. Mignolo (2003), em uma tripla dimensão: a do poder, a do saber e a do ser. Cada uma destas dimensões dizem respeito às relações políticas, à epistemologia e às relações intersubjetivas, respectivamente, configurando-se como o lado obscuro da modernidade e sua parte indissociavelmente constitutiva”

(Mignolo 2003)

Então, essas produções vão mostrar que a favela é dotada de sua própria história, dotada de uma lógica interna e que passou muito tempo sendo descrita de uma forma que não era de fato, mas segundo interpretação da pesquisadores alheios aos códigos culturais que permeiam as ações e intenções de seus ocupantes. Se tomarmos que a memória é socialmente construída³⁹ e que há uma disputa entre a memória oficial e a memória subalterna⁴⁰, essas novas produções estão combatendo e remontando a memória de um grupo que não era contada.

A valorização dessa memória tem sido importante no contexto da Rocinha. Aos jovens falta interesse por conhecer a história, e isso se torna perigoso. Falar em favela ou que se é morador da favela carrega um estigma que foi socialmente construído, assim contribuindo para a perpetuação de um silêncio. Além disso, observa-se a ausência de estímulos nas redes de ensino para uma educação patrimonial que corrobore para a valorização da memória social daquele lugar, seja por meio do conhecimento, valorização e ressignificação de patrimônios, seja por meio de sua história.⁴¹

³⁹ (Pollack, Memória e identidade social 1992)

⁴⁰ Id, Memória, esquecimento, silêncio. 1998

⁴¹ Para se aprofundar mais no assunto de uma educação patrimonial veja (Pinto 2007) e (Juçara Mello Barbosa, Iamara da Silva Viana 2013)

Visando esse tipo de prática, foram criados os museus de favelas que, no caso da Rocinha⁴² ainda faz um trabalho tímido devido a sua pouca exposição, mas que já conta com um grupo de estudiosos e roteiro de visitas com guia. Mesmo assim, o trabalho por eles pretendidos não é só da visita para externos, mas proporcionar um ensino patrimonial e de memória local para as crianças e moradores da Rocinha. Portanto, a importância desse trabalho é ressaltada por esse tipo de ação que colabora para montagem da história local e do conhecimento de um patrimônio que é percebido ainda hoje como símbolo local e que tem grande significado para os moradores, nesse caso a Escola Francisco de Paula Brito.

Desse modo, é ressaltada a importância da produção de trabalhos que falem de monumentos, figuras e grupos relacionados a história da Rocinha que não tem sido tratado, colaborando para esse esquecimento. Assim sendo, a sua importância política e social tem início de fato a partir dos anos de 1970, quando, graças a fundação da escola, iniciam projetos sociais devida a possibilidade de investimento em ações culturais para a formação do cidadão. Fato esse que passa hoje despercebido pelos moradores, assim contribuindo para o esvaziamento da memória de um grupo.

⁴² Sobre o museu acesse <<http://museudarocinha.blogspot.com/>> e <<http://memoriarocinha.com.br/>> <acessado em 11/06/2018>

Referências

ARAÚJO, Viviane da Silva. « Cidades fotografadas: Rio de Janeiro e Buenos Aires sob as lentes de Augusto Malta e Harry Olds, 1900-1936 », *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En ligne], Débats, mis en ligne le 17 janvier 2009, consulté le 15 juin 2018. URL : <http://journals.openedition.org/nuevomundo/50103> ; DOI : 10.4000/nuevomundo.50103

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2001. 361p. (Coleção estudos ; 20).

BRASIL. **LEI Nº 2.875, DE 19 DE SETEMBRO DE 1956**. “Dispõe sobre a organização do espaço da favela”. Coletânea de Legislação da Câmara Federal. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1950-1959/lei-2875-19-setembro-1956-376311-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acessado em: 15 de jun. 2018.

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica in: **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro : Forense-Universitaria, 2007 345p.

CERRI, Luis Fernando. **Ensino de história e consciência histórica: implicações didáticas de uma discussão contemporânea**. Rio de Janeiro: FGV, 2011. 136 p. (FGV de bolso. Série História ; 18).

FERREIRA, MM; AMADO, J. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea in: **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro : Ed. Fundação Getulio Vargas, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. [50. ed. rev. e atual.]. São Paulo: Paz e Terra, c2011. 253 p.

GONÇALVES, Rafael Soares. A política de remoção das favelas in :**Favelas do Rio de Janeiro. História e direito**. Rio de Janeiro: Pallas y PUC-Rio, 2013, 408 pp

_____. “São as águas de março fechando o verão...”: chuvas e políticas urbanas nas favelas cariocas. **Acervo**, [S.l.], v. 28, n. 1 jan-jun, p. 98-119, mai. 2015. ISSN 22378723. Disponível em: <<http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/593>>. Acesso em: 15 Jun. 2018.

_____; AMOROSO, Mauro. Golpe militar e remoções das favelas cariocas: revisitando um passado ainda atual. **Acervo**, [S.l.], v. 27, n. 1 jan-Jun, p. 209-226, abr. 2014. ISSN 22378723. Disponível em:

<<http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/468>>.
Acesso em: 15 Jun. 2018.

HARVEY, David,. Tempo e Espaço *in*: **A condicao pos-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudanca cultural. 2.ed.-. Sao Paulo : Loyola, 1993. 349p.

HOBBSAWM, Eric J. A invenção da Tradições ; in **A invenção das tradições**. Eric J. Hobsbawm e Terence Ranger, (orgs). 9º Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

LEITÃO, Gerônimo.**Transformações na estrutura socioespacial das favelas cariocas: a Rocinha como um exemplo**. Cadernos MetrÓpole, 18º, São Paulo, 2007. P.135-155.

MEDEIROS, Bianca Freire. **Favela como patrimônio da cidade? Reflexões e polêmicas acerca de dois museus**. Rio de Janeiro, Estudos Históricas, 2006.

MELLO, Juçara S. B. VIANA, Iamara Silva. **EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E ENSINO DE HISTÓRIA: DIÁLOGOS**. ENCONTROS – ANO 11 – Número 20 – 1º semestre de 2013

NOGUEIRA, SN; LUDKE, M. **Educação e participação: a pratica educativa no Centro Comunitario "União-Faz-a Força" - Rua 1 - Favela da Rocinha**. 1985. Dissertação (Mestrado)-Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, 1985.

NORA,Pierre. **Entre história e memória: A problemática dos lugares**. São Paulo, Proj. História. Dez, 1993.

PEREIRA, Érica de Barros; BURGOS, Marcelo Baumann. **Família popular e escolas públicas no Rio de Janeiro**: as mediações de um processo educativo em construção. 2012. 73 f. Dissertação (Mestrado)-Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Ciências Sociais, 2012.

PEREIRA, Maria Laís. MELLO, Marco Antonio da Silva (Org.). Os urbanistas e seu debate:reflexões sobre “Aspectos Humanos da Favela Carioca” in: **Favelas cariocas**: ontem e hoje. Rio de Janeiro: Garamond, c2012. 519 p. (Garamond universitária).

PINTO, Maria Helena. **Evidências patrimoniais para a educação histórica: Uma experiência educativa no Centro Histórico de Guimarães**. Currículo sem fronteiras, v.7, n.1, pp.171-185, Jan/Jun 2007.

POLLACK, Michael. Memória,Esquecimento,Silêncio.Rio de Janeiro, Estudos Históricas, vol. 2. n. 3, 1989, p.3-15.

_____Memória e identidade social., Rio de Janeiro, Estudos Históricas. Vol. 5, nº10, 1992, p. 200-212.

ROCINHA, UPMMR-União Pró Melhoramento dos Moradores da. **Varal de Lembranças: Histórias dos Moradores da Rocinha**. Rio de Janeiro: Tempo e Presença,1993.

RODRIGUES, RI. **Vida social e política nas favelas: pesquisas de campo no Complexo do Alemão.** [Rio de Janeiro]: IPEA, 2016, 2016. ISBN: 9788578112714. [recurso eletrônico]

SANTOS, M. Os grandes tipos urbanos in: **A cidade nos países subdesenvolvidos.** Rio de Janeiro : Civilização brasileira, 1965., 1965. (Perspectivas do homem: 2).

VENTURA, Juliana, RAMOS, Francicleo Castro, BURGOS, Marcelo Baumann. Região escolar e mundo do aluno: os casos da Rocinha e da Maré in: **A escola e o mundo do aluno:** estudo sobre a construção social do aluno e o papel institucional da escola. Rio de Janeiro: Garamond, 2014. 533 p.

VALLADARES, Licia do Prado. **A invenção da favela:** do mito de origem a favela.com. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 2005. 204 p

VALLA, Victor Vincent; ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE POS-GRADUAÇÃO EM SAUDE COLETIVA. Período autoritário de remoções: Destruindo a autoconstrução para “ensinar” a auto-ajuda. In: **Educação e favela:** políticas para as favelas do Rio de Janeiro, 1940-1985. Petropolis : Vozes, 1986. 213p.

_____; **Educação, participação, urbanização: uma contribuição à análise histórica das propostas institucionais para as favelas do Rio de Janeiro, 1941-1980.** *Cadernos de Saúde Pública, Vol 1, Iss 3, Pp 282-296 (1985).* 3, 282, 1985.